

Márcia GOMES; Ivanise Hilbig ANDRADE
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Leitor-autor: análise dos comentários sobre matérias jornalísticas que tratam de exploração sexual cometida contra crianças e adolescentes

Lector-autor: análisis de los comentarios sobre textos periodísticos que tratan la explotación sexual de niños y jóvenes

Reader-author: analysis of the comments on journalistic articles about sexual exploitation against children and teenagers

Recebido em: 31 out. 2010

Aceito em: 01 dez. 2010

Márcia Gomes é doutora em Ciências Sociais pela Pontificia Università Gregoriana (Roma) e professora do Departamento de Comunicação Social e do Mestrado de Estudos de Linguagens da UFMS.
Contato: marciagm@yahoo.com

Ivanise Hilbig Andrade é mestranda em Estudos de Linguagens pela UFMS (bolsista Capes), jornalista formada pela UFMS e professora voluntária no Departamento de Jornalismo da UFMS.
Contato: ivanise@terra.com.br

RESUMO

Com as novas configurações da mídia, principalmente a internet, o leitor deixa de ser exclusivamente receptor de informações e passa a ser coprodutor. De produto de consumo, a informação torna-se matéria-prima de novos produtos, ressignificados e reformulados pelo leitor. A partir do exposto, o presente trabalho analisa os discursos dos receptores de notícias sobre exploração sexual cometida contra crianças e adolescentes, materializados nos comentários do site noticioso sul-mato-grossense *Campo Grande News* (www.campogrande.com). Busca-se compreender que tipo de leitura o receptor faz e quais os discursos presentes nos comentários gerados por tais leituras. As análises revelam, entre outros apontamentos, que o leitor que comenta as matérias são leitores-trabalho, participativos, enquanto sujeitos ativos no processo discursivo.

Palavras-chave: Recepção; Internet; Interatividade; Exploração sexual.

RESUMEN

Con las nuevas configuraciones de los medios de comunicación, principalmente la internet, el lector ha dejado de atenerse al rol de receptor de informaciones y pasa a ser co-productor. De producto de consumo, la información se transforma en materia prima de nuevos productos, re-significados y reformulados por el lector. Este trabajo analiza el discurso de los receptores de noticias sobre explotación sexual de niños y jóvenes, materializados en los comentarios del site periodístico sur-mato-grossense *Campo Grande News* (www.campogrande.com). La finalidad es comprender qué tipos de lecturas hacen los receptores y cuáles son los discursos presentes en los comentarios generados por esas lecturas. El análisis revela, entre otros factores, que el lector que comenta las materias son lectores-trabajo, participativos, en cuanto sujetos activos en el proceso discursivo.

Palabras clave: Recepción; Internet; Interactividad; Explotación sexual.

ABSTRACT

With the new media configurations, mainly the Internet, the reader is no longer an exclusive information receptor but he begins to be a co-producer. From the product of consumption, information becomes then subject matter of other products, re-signified and reformulated by the reader. From this point of view, this paper has as an objective to analyze the discourses of news receptors about sexual exploitation against children and teenagers, materialized in the comments of the news website from Mato Grosso do Sul, *Campo Grande News* (www.campogrande.com). We attempt to understand what kind of reading the receptor performs and what discourses are present in the comments generated by these readings. The analyses reveal, among other things, that the readers who comment on the articles are readers-work, who participate while active subjects in the discourse building process.

Keywords: Reception; Internet; Interactivity; Sexual exploitation.

Com o advento e o avanço das novas tecnologias de comunicação, em especial a internet, o leitor deixa de ser exclusivamente receptor de notícias e informações e passa a ser coprodutor. De leitor a leitor-autor. Os estudos de recepção têm apontado para esse novo contexto de análise, em que o que é estudado não é apenas o produto midiático oferecido para o consumo da sociedade, mas também o que esse produto provoca na vida das pessoas. Para além de ser apenas um produto a ser consumido, a informação, hoje, é também matéria-prima para a criação de novos produtos, ressignificados e devolvidos em forma de *posts*, *tweets*¹, comentários, vídeos e fotos. A produção de conteúdo deixou de ser privilégio das grandes indústrias midiáticas. Atualmente, as pessoas são também coprodutoras daquilo que recebem através da mídia.

Essa cultura da mídia, conforme definição de Kellner (2001: 9-10), composta por todos os meios de comunicação da indústria midiática, “fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de ‘nós’ e ‘eles’”. Ou seja, é pela mídia que o sujeito modela sua visão de mundo, seus valores e configura sua identidade. O autor vai além:

A cultura da mídia é industrial; organiza-se com base no modelo de produção de massa e é produzida para a massa de acordo com tipos (gêneros), segundo fórmulas, códigos e normas convencionais. É, portanto, uma forma de cultura comercial e seus produtos são mercadorias que tentam atrair o lucro privado produzido por empresas gigantescas que estão interessadas na acumulação de capital (KELLNER, 2001: 9).

Mas se foi o tempo em que os meios de comunicação veiculavam o que bem entendiam, sem considerar o que os receptores pensam sobre o assunto. Com o avanço e a popularização das novas tecnologias de comunicação, como a internet, cada vez mais recursos de interatividade permitem ao leitor expressar sua opinião sobre o assunto da matéria a qual teve acesso. A indústria cultural sustenta-se com a interatividade e a coprodução; uma estratégia mercadológica para atrair e fidelizar consumidores.

As interações com os meios, segundo Orozco (2001: 16), alcançam legitimidade cultural e científica nos processos de significação e criação cultural. A importância dos estudos sobre a recepção, para o autor, deriva da necessidade de explorar melhor os processos de comunicação, indo além das pesquisas sobre audiência e compreendendo os sujeitos como protagonistas. Em tempos de meios e tecnologias de informação, não é

¹ *Posts* são os comentários publicados em blogs e em sites de relacionamento como o Orkut. Já os *tweets* são mensagens com até 140 caracteres publicadas no Twitter, mídia social que promove a interação entre os participantes por meio dos *tweets*.

possível compreender a cultura fora da comunicação e tudo o que esses meios veiculam. “Analizar la recepción más que una moda es un modo de inquirir sobre la comunicación y sobre la producción de significados, esto es, sobre la creación cultural” (OROZCO, 2001: 16).

Isso porque a mídia já se consolidou como parte da vida das pessoas. Silverstone (2002: 12) afirma que a mídia é “onipresente, diária, uma dimensão essencial de nossa experiência contemporânea”. Sendo assim, seria impossível, segundo o autor, escapar à sua presença e representação. A sociedade é dependente da mídia, em qualquer uma de suas apresentações, seja para entretenimento quanto para circulação de informação. Silverstone sustenta que, para além de compreender o que a mídia faz, é preciso refletir sobre o que se faz dela. E propõe examinar a mídia como um processo, como algo em curso, verificando se as pessoas se congregam em espaços reais ou virtuais, onde se comunicam, onde procuram persuadir, informar, entreter, educar, onde se conectam umas com as outras. Assim:

Entender a mídia como processo – e reconhecer que o processo é fundamental e eternamente social – é insistir na mídia como historicamente específica. A mídia está mudando, já mudou, radicalmente. O século XX viu o telefone, o cinema, o rádio, a televisão se tornarem objetos de consumo de massa, mas também instrumentos essenciais para a vida cotidiana. Enfrentamos agora o fantasma de mais uma intensificação da cultura midiática pelo crescimento global da Internet e pela promessa (alguns diriam ameaça) de um mundo interativo em que tudo e todos podem ser acessados, instantaneamente (SILVERSTONE, 2002: 17).

A partir do exposto, o presente trabalho tem como objetivo analisar os discursos dos receptores de notícias sobre exploração sexual cometida contra crianças e adolescentes, materializados nos comentários do site noticioso sul-mato-grossense *Campo Grande News* (www.campogrande.com). A ideia é compreender que tipo de leitura o receptor faz e quais os discursos presentes nos comentários gerados por tais leituras. Ou seja, busca entender os movimentos que o leitor faz da recepção à produção de novos discursos. O problema que move o trabalho é: que tipo de leituras o receptor faz desses textos e quais são os discursos que aparecem nos comentários?

Para responder a tais questionamentos, foi analisado um corpus composto de 23² comentários de 12 matérias sobre exploração sexual cometida contra crianças e

² Ao todo, foram contabilizados 24 comentários. No entanto, um foi retirado por ter sido redigido por uma das autoras deste trabalho, o que poderia influenciar na análise dos discursos.

adolescentes veiculadas entre os dias 1º de janeiro e 31 de julho de 2010, no referido site. Para proceder à coleta do corpus, foi realizada uma busca avançada no site utilizando a palavra-chave “exploração sexual”. Importante ressaltar que apenas os comentários das matérias é que compõem o corpus da pesquisa, embora a leitura das matérias tenha sido feita para melhor entendimento da temática que estava sendo comentada pelos receptores. Do total de matérias sobre a temática (12), em apenas seis havia comentários dos leitores.

Recepção e novas tecnologias

A reinvenção diária do fazer jornalístico acontece paralelamente à reinvenção do consumo do que é produzido pelos meios de comunicação. As trocas simbólicas acontecem em uma sociedade cada vez mais midiaticizada, tecnificada e interativa. Como dito anteriormente, os papéis de produtor e consumidor da indústria midiática cada vez mais se interconectam.

Para Martín-Barbero (2006: 54), a revolução tecnológica introduz na sociedade não só novas máquinas, mas um novo modo de relação entre os processos simbólicos e as formas de produção e distribuição dos bens e serviços. Remete a novos modos de percepção, de linguagem, sensibilidade, escrita. E porque não, acrescentando ao que coloca o autor, novas formas de leituras. Castells (1998, apud OROZCO, 2006), por sua vez, defende que na “sociedade do conhecimento” diluem-se os produtores e usuários daquilo que é produzido, vivenciando ambos os mesmos papéis. Tese que Guillermo Orozco (2006) refuta. Para este autor, o que se vislumbra atualmente na comunicação

(...) não é tanto a dissolução dos papéis sociais dos usuários diante da tecnologia de informação, que não obstante as possibilidades oferecidas, continuam refletindo inércias e padrões tradicionais; nem a dissolução, pelo menos não ainda, das condições objetivas frente ao conhecimento, que também continuam refletindo autoritarismos e imposições. O que vemos é a dissolução de alguns dos critérios, tanto de produção quanto de circulação e consumo, que enquadram o conhecimento. Sobretudo dos critérios cognoscitivos e de legitimidade e autoridade que se encontram perturbados (OROZCO, 2006: 82).

Nem o fim nem a substituição de papéis no processo comunicativo, mas a interação, a interatividade e a coprodução, que são processos facilitados pelas possibilidades trazidas pelos novos meios de comunicação e pelas novas tecnologias. Mesmo assim, é importante lembrar que a chegada de um novo meio ou tecnologia não

leva à extinção do anterior. Os comentários que compõem o corpus da presente pesquisa são prova disso. São novas conformações do gênero jornalístico carta do leitor, com características da linguagem do jornalismo digital, tais como a concisão e rapidez, e do texto do “internauta”, um tanto descompromissado com as regras gramaticais da língua portuguesa, com abreviações, falta ou excesso de pontuação, usos de minúsculas e maiúsculas indiscriminadamente.

O surgimento de uma nova tecnologia não suplanta as anteriores por vários motivos: a transformação dos meios envolve muitos fatores além dos técnicos ou instrumentais; cada nova tecnologia demanda um tempo de aprendizagem por parte dos usuários; e demanda uma atenção diversificada para gratificar os usuários; cada tecnologia atende melhor a uma ou outra necessidade que a anterior, não todas; novas tecnologias provocam outras mudanças que requerem reajustes e reacomodações por parte dos usuários; e, por fim, não há poder aquisitivo suficiente para acompanhar todo o desenvolvimento tecnológico que é oferecido no mercado (OROZCO, 2006: 85).

Mesmo sem suplantar as mídias anteriores, talvez a mudança mais significativa trazida pelas novas tecnologias da comunicação seja a transformação das práticas sociais, em especial nas formas de socialização da sociedade, com maior interatividade e agilidade nas trocas comunicativas. Por esse caminho, Guilherme Orozco propõe ver os impactos das novas tecnologias na sociabilidade como importantes. “O que eu prefiro chamar de ‘mediação tecnológica’ impacta claramente de variadas formas tudo aquilo que toca” (OROZCO, 2006: 87-8). Os novos serviços online produzem, então, novas formas de dependência dos usuários, que se vêm reféns das grandes empresas e redes para exercer com relativa liberdade a “interatividade”.

A prática de comentar os textos jornalísticos é antiga. As cartas do leitor chegavam às redações do jornal e após uma leitura prévia eram ou não autorizadas a serem publicadas na edição seguinte. Ainda hoje nas revistas semanais é algo corriqueiro. Com a internet e o surgimento dos veículos online, o leitor passou a dispor de mais um canal de interatividade, mais ágil e em “tempo real”. Comenta-se em *blogs*, *sites* de notícias, páginas pessoais de relacionamentos, mídias sociais. Expressar a opinião sobre determinado assunto, foto ou vídeo é um desejo compartilhado por grande parte da população que tem acesso às mídias digitais. E essas novas práticas e formas de produção e recepção dos produtos midiáticos colaboram com as trocas simbólicas e, conseqüentemente, ressignificam sentidos dos discursos veiculados.

Contratos de leitura e discursos

Para que aconteçam as trocas simbólicas e a produção de sentido através do discurso da mídia, a figura do leitor é imprescindível. O leitor como receptor e coprodutor dos sentidos estabelece com o emissor contratos de leitura, ao que Verón (2004: 216) define como um caminho imaginário em que o leitor tem a liberdade para escolher por onde trilhar. Já o discurso, para o autor, é um espaço habitado por sujeitos e objetos, onde ler é colocar em movimento este universo de inter-relações. Segundo ele, “ler é fazer”.

As condições produtivas dos discursos sociais têm relação com as determinações que dão conta das restrições de geração de um discurso (ou de mais de um discurso) e com as determinações que definem as restrições de sua recepção. As reflexões de Verón apontam para a participação do sujeito como indivíduo ativo no processo discursivo, pois sem sujeito não há discurso e sem discurso, não há sentido. Em seu estudo sobre contratos de leitura em revistas e periódicos, o autor sugere que os contratos são estabelecidos logo na capa, onde o leitor tem seu primeiro contato com a publicação e onde já encontra traços de um estilo próprio do veículo e uma posição diante dos acontecimentos. Essa conclusão aplica-se também ao consumo das informações veiculadas pelos sites noticiosos. As manchetes, *links*, imagens e outros recursos chamam a atenção do leitor, que, em um universo de incontáveis páginas virtuais, resolve parar para ler uma determinada notícia em um endereço eletrônico.

Para Verón, o importante entre um enunciado e outro é a relação que o emissor estabelece com o que esse enunciado diz. Essa interdiscursividade – na qual o receptor constrói o sentido de acordo com sua cultura, crença e vivências, gerando assim diversos outros discursos – provoca um constante processo de negociação entre produtor e receptor, numa troca permanente de sentidos.

Para que haja um contrato, explica Verón, os interlocutores têm de reconhecer os discursos uns dos outros. Nos contratos enunciativos, porém, o mais relevante não são as modalidades do dizer/mostrar, mas também os modos de reconhecer os receptores. O reconhecimento, por parte do receptor, influencia os “modos de dizer” do enunciador. Reconhecer é também produzir sentidos, uma vez que enunciador e receptor se atualizam num processo recíproco. Trata-se, no entanto, de uma concepção de leitor diferente da proposta por ECO (1986), que o considera como uma entidade previamente

pensada no momento da produção, para quem o autor/produtor escreve e divulga as mensagens, ou seja, um leitor idealizado por operações textuais.

Admitir que o discurso jornalístico é dialógico e depende de sujeitos para existir leva a pensar que ele é produzido por sujeitos que estão em relação, ou seja, pelo sujeito enunciador, o autor, e pelo sujeito que lê, o receptor. Eco (1986) afirma que o papel do leitor é fazer o texto funcionar. Para o pesquisador, o texto é uma cadeia de artifícios de expressão que devem ser atualizados pelo destinatário no processo comunicativo. Por ser incompleto, o texto não significa por si só e fica na dependência de que o destinatário abra sua “enciclopédia”, o seu repertório, para conferir-lhe sentidos. Ainda segundo Umberto Eco, os textos são feitos de espaços em branco para serem preenchidos pelo leitor/destinatário por dois motivos: porque o texto é um mecanismo preguiçoso que vive da valorização do sentido que o destinatário introduz; e porque quer deixar ao leitor a iniciativa interpretativa. O fato é que, para ele, a interpretação envolve uma dialética entre estratégia do autor e resposta do leitor (ECO, 1986: 35-7).

Para construir a notícia, o sujeito enunciador segue normas de produção e organização textuais que levam a um certo tipo de padronização. Padrão este que faz o leitor “esperar” um tipo de leitura. No caso do texto jornalístico, uma expectativa de leitura objetiva, imparcial, reflexo da realidade, fiel aos acontecimentos, que configura um imaginário acerca da mídia e dos temas que ela agenda diariamente no noticiário.

James Lull (1997) explica, porém, que a seletividade e a polissemia não têm a ver unicamente com as interpretações e o ambiente simbólico. O sentido, para o autor, é trabalho interpretativo e também um processo de autodescobrimento e compreensão. Cada interpretação de um signo é simultaneamente uma interpretação e uma transformação do imaginado. O sentido nunca é evidente por si mesmo, é relativo. Produzir sentido é um trabalho de “tiempo completo”. “La construcción del sentido es una tarefa creativa, expansiva y em alto grado subjetiva. La significación es múltiple y variable. Las representaciones simbólicas son *multisémicas*, además de polissêmicas” (LULL, 1997: 191).

Análise

A abordagem feita neste estudo tem na sua concepção o entendimento de mídia como um processo, conforme propõe Silverstone (2002), em que as pessoas ocupam o espaço midiático para se congregarem, persuadir, entreter, informar e disseminar discursos.

Ademais, entendendo o receptor como um leitor idealizado pelo emissor, mas também protagonista no processo comunicativo, agindo como coprodutor, ressignificando e produzindo sentidos, a análise dos discursos dos comentários de matérias jornalísticas que tratam da exploração sexual de crianças e adolescentes revela uma leitura “próxima”, em que o receptor envolve-se emocionalmente com a notícia, discute valores, comportamentos e revela tabus.

Tal definição de leitura vem de estudo de Liebes e Katz (citado por GOMES, 2006: 138-9). Segundo os autores, há duas formas de leitura que se contrapõem: a distanciada, em que o receptor ocupa-se da gramática do texto, da sua forma e conteúdo, ou seja, da composição do produto; e a leitura do envolvimento, textualizada, em que o importante é a história que é contada. O contrato de leitura textualizado prima pela vivência e pela experiência do receptor, que vai ler segundo seu modo de ver o mundo.

As maneiras “próxima” e “distanciada” de conviver com o texto têm sido relacionadas com diferentes níveis de complexidade de entendimento, principalmente ligadas à formação escolar, grupo social, grupo étnico, sexo, idade e outras especificidades que influenciam o modo de ler o texto da indústria cultural, seja ele noticioso ou de entretenimento. Pela temática das matérias em análise, as leituras encontradas nos comentários são leituras textualizadas, cheias de sentimentos, revolta, indignação, desejo de vingança e clamor por punição. Os leitores que comentam os textos não se ocupam, em nenhum dos comentários analisados, em falar sobre a feitura do texto, sobre as fontes entrevistadas ou os dados divulgados. O que é externado é o que sentem ao ler a matéria.

Outra informação que pode ser aferida na análise é que se trata de leitores com escolaridade de nível médio e superior, habituados com as ferramentas da internet e consumidores dos textos produzidos pelo site de notícias pesquisado. A maioria dos comentários está em matérias que tratam de apreensão de adolescente envolvida com exploração sexual e quando o acusado tem um cargo público ou uma boa remuneração.

A notícia que gerou o maior número de comentários (15) foi: “Pressionada, menina diz que fez sexo com guarda”, de 14 de abril de 2010. O título já é, por si só, um atrativo para a leitura. No texto, a repórter narra o fato: uma adolescente teria sido assediada pelo guarda da escola onde estuda e teria aceitado manter relações sexuais com ele, e divulga depoimento da mãe. Praticamente todos os comentários dessa matéria culpam, direta ou indiretamente, a menina e a mãe pelo que aconteceu, reforçando um discurso machista de que aos homens tudo podem quando o assunto é

relacionamento sexual, já que eles, pela sua “natureza”, são “incontroláveis”. À mulher caberia colocar os limites. Alguns enunciados retirados dos comentários demonstram tais afirmativas: “elas mesmo menores estão um perigo, atacam mesmo”; “Isso parece um típico caso de garota com fricote enraivecida por algum capricho!!!”, “mas que essa gurria procurou, com certeza. Se fez, foi pq quis!”³.

Textos que tratam de casos não confirmados ainda, em que existe apenas a suspeita, matérias sobre eventos que se propõem a discutir o assunto e aqueles que tratam dos desdobramentos de investigação após a denúncia do fato não geram comentários. De maneira geral, os comentários seguem o tom da matéria produzida pelo jornalista: em tom de indignação, ou de revolta, mais voltado para o discurso da impunidade ou do “restringir direitos para proteger”. São comentários muitas vezes ácidos e com vocabulário simples e que reproduz os discursos policial e jurídico.

Os comentários são materializações de discursos dispostos socialmente em formações discursivas e ideológicas. A Análise de Discurso de Escola Francesa compreende o discurso como um objeto sócio-histórico que possibilita a materialização, na língua, da ideologia, das crenças, dos conceitos e ideias acerca da realidade. Para Maingueneau (1997: 11), toda produção de linguagem pode ser considerada discurso. Os termos “discurso” e “análise do discurso” remetem ao modo de interpretar a linguagem em contato com outras disciplinas, em que a linguagem faz sentido para sujeitos inscritos em estratégias de interlocução, em posições sociais ou em conjunturas históricas. “O discurso modifica-se de acordo com as referências que faz à psicologia, à história, à lógica, etc, e, no interior desses campos, a esta ou aquela escola” (MAINGUENEAU, 1997: 12).

DeFleur e Ball-Rokeach (1993: 277) afirmam que cada vez mais os seres humanos experimentam um mundo intermediário ao invés da própria realidade. Isso porque, segundo os autores, a mídia expande o que chega aos olhos e ouvidos das pessoas. “O que percebemos são representações da realidade e não esta”. Sendo assim, a mídia tem um papel crucial na construção social do significado. Mais do que isso, tem papel determinante na veiculação e divulgação de discursos e sentidos que formulam imaginários sociais sobre os assuntos que noticiam.

Segundo os autores, a mídia modela e padroniza comportamentos e crenças, agenda o debate público, ou seja, coloca em ordem hierárquica de importância um

³ A forma como o texto foi redigido será mantida na análise, inclusive com os erros, uma vez que todos os elementos gramaticais, como pontuação, abreviações e tamanho de letra, têm efeitos de sentido que compõem o discurso.

conjunto de questões, possibilitando que essas questões tornem-se pauta de discussão da sociedade, além de modular a fala e a linguagem. Particularmente sobre essa última função, DeFleur e Ball-Rokeach (1993) afirmam que cada vez mais as pessoas estão em contato com os meios de comunicação e que isso tem influência sobre os modos de fala, usos das palavras, modificações de vocabulário e apreensões de significados das palavras e termos utilizados. Para a presente análise, esse ponto revela-se bastante relevante, uma vez que a terminologia da exploração sexual cometida contra crianças e adolescentes vai do técnico, passando pelo jurídico, chegando no coloquial e no senso comum. Para os autores:

A mídia, pois, tem importantes influências em nossa linguagem e seus significados. Isso de várias maneiras. Ela *estabelece* novas palavras com significados a elas ligados; *dissemina* os significados de termos existentes; *substitui* significados antigos por outros novos; acima de tudo, oficializa convenções de significados existentes para o vocabulário de nossa linguagem (DEFLEUR & BALL-ROKEACH, 1993: 287).

As narrativas jornalísticas, as notícias, são construções discursivas. As escolhas visíveis nos enquadramentos dados ao texto são parte de um processo discursivo em que o jornalista, enquanto sujeito desse discurso, não é livre e autônomo, mas reproduz e dialoga com discursos outros, estabelecidos culturalmente na sociedade.

Por fim, ressalta Benetti (2007: 108-9), o fato de o discurso ser construído de forma intersubjetiva exige compreendê-lo como histórico e subordinado aos enquadramentos sociais e culturais, levando-se também em conta o contexto de sua produção. A relação entre linguagem e exterioridade é constitutiva do discurso, que é afetado pelo sistema de significação em que o sujeito se inscreve. Esse sistema de significação é formado pela língua, pela cultura, pela ideologia e pelo imaginário (BENETTI, 2007: 109).

A partir do exposto, tem-se que a mídia agenda o debate público e pauta discussões na sociedade. Por esse viés, os comentários são possibilidades concretas de participação do público enquanto leitor/receptor. É o espaço onde ele pode, por meio da interatividade e rapidez proporcionadas pela internet, expor sua opinião, gerar manifestações e se fazer presente no mundo virtual e digital.

Ao analisar o corpus de comentários colhidos de matérias que tratam de exploração sexual cometida contra crianças e adolescentes, veiculadas no site de notícias sul-mato-grossense *Campo Grande News*, os discursos encontrados foram:

Discurso da Punição e da Vingança; Discurso do Fatalismo; Discurso da Culpa e Discurso da Revolta. O Discurso Machista está presente em todos os comentários, mais ou menos destacado. Trata-se da memória discursiva que os leitores possuem sobre essa temática, pois este discurso está inserido em uma formação discursiva em que o tema da sexualidade é tabu. Em seguida, algumas considerações e exemplos dos discursos encontrados nos enunciados.

Discurso da Punição e da Vingança

A exploração sexual cometida contra crianças e adolescentes passa a ser crime em 1990, com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente. É um tipo de violência que, publicamente, as pessoas repudiam, mas que, nos discursos, ainda se apresenta com um tipo de aceitação velada, justificada pelo machismo e pelas questões de gênero que estabelecem papéis sociais de homens e mulheres. O tema da sexualidade de crianças e adolescentes ainda é tabu e se reflete nos discursos.

Por conta disso, os discursos da vingança e da punição são recorrentes, tanto em matérias jornalísticas sobre exploração sexual de meninos e meninas, quanto nos comentários dos leitores de textos sobre o assunto. Nos enunciados analisados, fica evidente o sentimento de que o agressor é alguém irreparável, que não tem chances de ressocialização. Trata-se do discurso da culpa eterna, como nos enunciados: “Olha sou favorável a castração química dos pedófilos” e “Prisão perpétua é outro assunto a ser discutido”.

Nos enunciados: “Que esse animal perca seu cargo publico”; “Espero também que a justiça seja feita se não for pelo Judiciário (desacreditado) pelos próprios homens, já que nem os bandidos aceitam esse tipo de crime” e “pessoas assim não podem continuar agindo sem uma punição ou controle exemplar”, o discurso da punição vem acompanhado de um discurso da vingança e do controle. Para esses leitores-autores, quem pratica o crime de exploração sexual deve ser exemplarmente punido pela Justiça, embora, como colocado, a Justiça esteja em descrédito. O importante é que o agressor seja punido para não cometer o crime novamente e para servir de exemplo a outros agressores.

Discurso da Revolta e do Fatalismo

“Mesmo que tenha sido um ato consentido pela garota. Ela tem apenas 12 anos de idade e "tecnicamente" ainda é uma criança.”

“Tarado não tem cara, cor, sexo ou qualquer distinção. O poder público precisa se prevenir. E os lares precisam de mais diálogo.”

Nestes enunciados, o leitor-autor exterioriza o discurso da revolta por meio de frases que ponderam o consentimento ou não da vítima (no caso, uma adolescente de 12 anos) e o fato de que não há um perfil específico de agressor. Embora o uso do termo “tarado” tenha um sentido pejorativo, pode-se apreender, pelo comentário, que o autor compreende que não é possível determinar um perfil de agressor, complicando, assim, a responsabilização e prevenção da violência.

O uso das aspas, como marca de realce de um termo, demonstra a intenção do autor de reforçar o discurso de que a adolescente, por ter 12 anos e ser considerada vítima pela Legislação, teria condições de consentir ou não a prática sexual. Por isso, a palavra “tecnicamente”, entre aspas, pode ter o efeito de sentido de “sabemos que ela quis, mas pela Lei ela é uma criança, então o homem não poderia tê-la procurado para manter relações sexuais”.

O discurso da revolta aparece ainda em um enunciado marcado pelos sentimentos de raiva e indignação:

“CADEIA NESSE VADIO! BASTA DE CRIMES HEDIONDOS COMO A PEDOFILIA... VAGABUNDO DESCARADO, TOMARA QUE NA CADEIA FAÇAM ELE DE NOIVA 1,2,3,.....1000000000VEZES! O R D I N A R I O...L I X O H U M A N O....MOOOOOOOOOORRA!!!!!!!!”

A forma como foi apresentado o conteúdo tem significados que reforçam o sentido da revolta. Fontes em caixa alta, repetidas e com espaços entre elas, além do uso de muitos pontos de exclamação, na linguagem da internet têm sentido de falar em voz alta, de gritar. As palavras “vadio”, “vagabundo” e “lixo humano” são indicativos do discurso da revolta, da não aceitação desse tipo de violência cometida contra crianças e adolescentes. Mas também revelam o reforço de um discurso estabelecido de que os agressores são seres inferiores e que seu destino é a prisão ou a morte.

O discurso da revolta vem acompanhado de um discurso fatalista, em que, apesar da raiva por ver notícias como a que informa que os pais de uma adolescente

tinham conhecimento de que ela era vítima de exploração sexual, a leitora revela toda sua tristeza e descrença de que algo seja feito para mudar a situação da garota: “Agora, pais ou responsáveis legais são ACUSADOS de permitirem que seus filhos(as) sofram exploração sexual. Meu Deus, aonde este mundo vai parar? Só notícia deprimente!!”.

Discurso da Culpa

Historicamente, mulheres têm sido tratadas como seres inferiores, que deveriam ser obedientes a seus pais e maridos. No último século, conseguiram conquistar o direito de votar e de trabalhar fora, mas o discurso machista, que estabelece uma hierarquia entre os papéis sociais de homens e mulheres, continua muito forte (SAFFIOTI, 1987). Segundo esse discurso, mulheres são sensíveis, carinhosas e choronas. São elas que devem cuidar e educar os filhos. Mulheres são, em última análise, assexuadas.

Esses discursos são balizares do discurso da culpa em matérias jornalísticas que tratam da exploração sexual de crianças e adolescentes. Nesse tipo de violência sexual, as meninas são as maiores vítimas⁴, porém, discursivamente são postas como as principais culpadas. Quando não são elas, são as mães, acusadas de não educarem corretamente as filhas. Em que se pese o fato de que há muita informação disponível sobre esse tipo de violência, adolescentes ainda estão em processo de desenvolvimento da sua personalidade e da sua sexualidade, estão na fase das descobertas, na fase de se descobrir como mulher ou como homem. Atualmente, a visão legitimada socialmente é a de que caberia ao adulto estabelecer os limites e orientar sobre o que é ou não saudável para a/o adolescente.

Como dito anteriormente, a matéria que gerou o maior número de comentários tratava de um caso em que a adolescente confirmou à mãe que teria tido relação sexual com o guarda da escola em que estuda. O discurso da culpa está presente em quase todos os comentários. A mãe é acusada de não dar limite à menina; o guarda, acusado por ter assediado a aluna em horário de expediente e a menina tem culpa por ser uma “pimenta”. A mídia também aparece como culpada: é apontada como responsável por ensinar valores distorcidos sobre a sexualidade a crianças e adolescentes.

Os discursos que apontam a mãe como culpada acusam-na de consentir, de ignorar, de não perceber o que estava acontecendo e, em última instância, de não educar

⁴ Segundo relatório do Disque-100, disque-denúncia nacional, em 2009, as meninas representavam 82% das vítimas de exploração sexual em todo o Brasil.

corretamente a menina. Alguns enunciados demonstram tais afirmativas: “Mas o que eu admiro é a mãe achar que a filha também não teve vontade de aprontar por ai...” e “Mas culpo a mãe tmb, na minha visão, faltou ensinar princípios para essa menina!!!”. O discurso moralista de que “Princípios familiares é a base de tudo..!!!!”, como acredita um dos leitores, revela a interdiscursividade dos discursos da culpa, com o moralista e com o discurso machista, todos presentes em uma formação discursiva que vê a mulher como a causadora da violência, aquela que não consegue frear seus desejos sexuais enquanto o homem tem todo o direito de manifestá-los.

Na mesma linha do discurso da culpa do ser feminino, seguem os enunciados que apontam a adolescente como a causadora da violência:

“Uma menina de sétima série não é tão inocente assim.. ela tem culpa também! Se fez, foi pq quis!”

“Mas do jeito que anda o comportamento dessas meninas nos dias de hj..ta complicado...hein!!HUuummmm”

“Isso parece um tipico caso de garota com fricote enraivecida por algum capricho!!!”

“Essa guria deve ser pimenta. Ela tbem deve ser punida.”

Na adolescência, meninos e meninas estão descobrindo sua sexualidade, compreendendo melhor o corpo e identificando seus desejos. Mas o que tais discursos demonstram é o preconceito e o desconhecimento sobre essa fase do desenvolvimento físico e psicológico das adolescentes, reforçando o imaginário social de que as mulheres são assexuadas, principalmente se forem crianças ou adolescentes. Quando demonstram algo que contraria esse imaginário, são taxadas de provocantes. O comentário “elas estão um perigo, atacam mesmo” revela certa surpresa do leitor e um discurso que dialoga com o discurso sobre os papéis sociais de homens e mulheres. Hoje, apesar da maior liberdade sexual conquistada pelas mulheres, ainda é comum a sociedade pensar nelas como seres que devem ser abordados, que devem ser conquistados, que devem esperar a iniciativa masculina na hora da conquista.

No trecho “Não quero, longe disso, tirar a culpa do guarda, isso que ele fez é crime. Trabalho em escola e vejo o "assédio" das meninas com guarda, professor e próprios colegas, elas mesmo menores estão um perigo, atacam mesmo”, nota-se um esforço do sujeito autor do comentário em tentar ponderar sua opinião sobre o assunto. Ele sabe que publicamente precisa estabelecer uma autocensura, já que a exploração

sexual de menores de idade é crime e o discurso politicamente correto determina que as pessoas condenem este tipo de prática.

Outros comentários, além de destacarem a culpa das adolescentes, chamando-as de “aborrecentes”, “cocotinhas” e “gatinhas da área”, mesclam um discurso que inocenta o acusado, como que justificando a atitude do guarda frente a esse grande assédio que sofre por parte das adolescentes. Exemplos são os enunciados a seguir:

“é só dar uma voltinha na cidade, onde há policiais, guardas municipais, mesmo agentes patrimoniais, (NO CORRETO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO) parados em praças, esquinas, escolas,e etc... onde meninas "aborrescentes", se julgam serem as melhores, as cocotinhas, as gatinhas da área, onde vão puxar assunto com esses profissinais. Tirando assim, muitas vezes, a atenção do servidor.”

“Não tirando a "culpa" do servidor, mas nos dias atuais, com tanta informação como TV, rádio, jornais, internet, MSN, e-mail, twitter, blogs e celulares, é impossível que essa garota "não sabia" o que estava fazendo. O ato foi consentido. Ela "acompanhou" o servidor. E o fez porque quis”

A ironia, o uso de aspas e pontos de exclamação são recursos gramaticais recorrentes nos comentários. No trecho: “Agora, essa menina,.. 12 anos, 1,70,... 7ª série como consta na reportagem,... não sabia o que estava fazendo!”, o autor é irônico ao citar o tamanho da menina (1,70 m), um tamanho que pressupõe uma pessoa grande, adulta, em contraposição com a idade e a série. E finaliza afirmando – espantado, pelo que indica o ponto de exclamação – que ela não sabia o que estava fazendo. De novo, o discurso da culpa vem acompanhado do imaginário de que, se manteve relações sexuais com um adulto, foi porque quis, porque consentiu.

O guarda da escola também é apontado como culpado, embora em número reduzido de comentários. Sua culpa recai sobre o fato de ele ser um servidor público contratado para proteger as crianças e os adolescentes da escola, corroborando com o imaginário social que se forma em torno dessa profissão, e não pelo fato de ele ser um homem que se envolveu sexualmente com uma adolescente:

“Foi contratado para proteger e praticou um crime dos mais hediondos.”

“Mas o que fica claro, e isso é indiscutível, é a falta de discernimento do servidor sobre sua postura em situações como esta”

“Acho que o "guarda" tem culpa sim por ser um servidor publico e pensar nas consequencias”

O guarda é culpado por ter se envolvido com a adolescente no seu horário de trabalho. Apenas um comentário aponta para outro sentido: “o cara é f. tb... com tanta mulher acima de 18 vai pegar logo uma de 12. oloco.. tem que se ... mesmo..”. Nesse enunciado também é interessante notar o discurso machista que pressupõe que todo homem tem à disposição qualquer mulher, desde que ela tenha mais de 18 anos.

Por fim, a mídia é acusada de impor valores e comportamentos que influenciam, sempre negativamente, o desenvolvimento da sexualidade de crianças e adolescentes. Trata-se do imaginário que reforça os efeitos da mídia na formação das subjetividades, e, no caso dessa temática, a forma como a mídia seria responsável por “moldar” as personalidades das adolescentes. Os enunciados que seguem são exemplos:

“Sociedade hipócrita mesmo! Não estou defendendo o guarda municipal, mas o que ocorre com essas meninas é fruto do lixo que a TVGlobo passa nas novelas e BBB's. Só mulher 'vagaba', homens com amantes, gays, lésbicas, um corneando o outro. Uma orgia, um lixo, Culpa desse 'povinho' e todos nós!”

“vivemos numa sociedade hipócrita , onde tudo se aprende pela televisão,internet e tudo mais , e depois vem a propria midia condenar as pessoas .”

Considerações finais

Os seres humanos são sociais e se comunicam por meio da linguagem, seja ela verbal ou não verbal. Com o passar do tempo, a comunicação que era realizada basicamente pelo contato pessoal e direto, em linguagem oral, foi aprimorando-se com o surgimento da escrita, que possibilitou a massificação da produção e distribuição de mensagens. E então as práticas sociais que envolvem a comunicação passam a agregar os meios de comunicação como alguns dos mediadores de trocas simbólicas realizadas pelos seres humanos. Hoje, além de receber informações através dos meios de comunicação, os receptores têm a possibilidade de selecionar, filtrar e participar da produção e distribuição do que é veiculado por esses meios, num processo cada vez mais acelerado e facilitado pelas mídias digitais.

A Internet tem oferecido mecanismos e espaços de sociabilidade diversificados, possibilitando maior interatividade e agilidade nas trocas comunicativas, originalmente orais e depois tradicionalmente unilaterais, ou seja, do emissor ao receptor, sem um

feedback. As novas práticas sociais advindas do uso das mídias digitais têm permitido às pessoas acessar notícias, mapas, imagens, conhecer lugares e outras pessoas. Além de possibilitar a expressão de sentimentos, opiniões e ideias quase que em tempo real, mudando, inclusive, a forma das pessoas relacionarem-se entre si e com o mundo.

A recepção dos produtos da indústria midiática, dessa forma, ganhou novas configurações. Hoje, o momento da recepção adquire mais visibilidade como um momento também de coprodução de sentidos. Uma outra instância de expressão de significação possibilitada principalmente pelas ferramentas da internet.

Os leitores que comentam as matérias jornalísticas dos sites de notícias são, portanto, leitores-trabalho, como define Verón (2004). São leitores participativos, enquanto sujeitos ativos no processo discursivo. Receptores que reformulam, ressignificam e participam da constituição de sentidos, uma vez que devolvem aos outros leitores novos elementos de compreensão e interpretação do texto, fazendo com que haja um reconhecimento do discurso do outro.

Na outra ponta, a mídia é entendida como produtora e ao mesmo tempo retransmissora de discursos diversos, que são, novamente, reenviados pelo receptor-produtor através da própria mídia. Um texto de um jornal impresso, por exemplo, pode servir de base ou inspiração para um comentário em um site de relacionamento ou em alguma mídia social, revelando que não apenas os sites noticiosos são espaços para comentários acerca das notícias veiculadas pela mídia.

Assim, na análise dos comentários de matérias jornalísticas sobre exploração sexual cometida contra crianças e adolescentes veiculados pelo site de notícias *Campo Grande News*, identificou-se que se trata de construções colaborativas, pois os comentários complementam as matérias e colaboram com a configuração dos sentidos pelo leitor. O comentário é um novo texto que, no entanto, é parte do texto que o originou, mas ressignificado, apresentando novos caminhos e possibilidades de leitura. O texto da internet, por suas características de concisão, objetividade e instantaneidade, solicita do leitor esse tipo de colaboração e o uso de sua “enciclopédia”, nos termos de Eco (1986), para fazer o texto funcionar.

Pode-se aferir ainda que não geram comentários os textos que tratam de casos não confirmados, em que existe apenas a suspeita, sobre eventos que se propõem a discutir o assunto e aqueles que tratam dos desdobramentos da investigação após a denúncia do fato. Isto constitui indícios de que o leitor não reage às notícias que discutem a temática, mas sim àquelas que comprovam o fato, ou seja, a existência

concreta do crime. O que toca são os assuntos mais inacreditáveis, do ponto de vista da moral e do que é publicamente aceito como certo pela sociedade. Uma adolescente admitir que fez sexo com um homem adulto, que cedeu ao seu assédio, é algo mais impactante, nesse caso, que uma notícia sobre um encontro para debater políticas públicas de enfrentamento à exploração sexual.

A cobertura do fato provoca uma leitura textualizada e emocional. O discurso dos comentários de matérias que tratam de fatos concretos de violência sexual cometida contra crianças e adolescentes é menos censurado e o leitor-autor permite-se exprimir em palavras o sentimento de revolta, raiva, indignação e descrença nas autoridades. Embora mais carregados no emocional, tais comentários revelam em seu discurso a visão e o tipo de abordagem que a sociedade tem desse tipo de fenômeno social. Uma visão que contrapõe a resistência em falar de um assunto tabu e a necessidade de se manifestar acerca da quebra das normas sociais. Esta leitura textualizada, identificada na análise dos comentários, prima pela vivência e experiência do leitor.

Identificou-se também, na análise, que a formação discursiva moralista e machista da sociedade brasileira reflete-se nos comentários dos leitores, principalmente quando o assunto envolve a temática da sexualidade. Como se trata de um tema tabu, dificilmente é externado com ponderação e com um esforço de relativização. O diálogo é sempre estabelecido no duelo do bom contra o mau, do certo e do errado, em outros termos, pela concepção maniqueísta de mundo em que, se há um certo e um errado, há culpados e inocentes.

Tais elementos corroboram, como já foi indicado por Verón (2004), a importância da análise do diálogo travado entre enunciados; no caso, o texto jornalístico e o texto dos comentários, visto a partir da ótica da relação do emissor e do receptor. De outra forma: a interdiscursividade sob a qual o receptor constrói o sentido existe a partir do seu repertório de experiências, de sua cultura e crenças. A interdiscursividade, ou seja, o diálogo constante entre um discurso e seu outro, provoca um processo de negociação entre produtor e receptor, numa troca permanente de sentidos.

Referências

BENETTI, Marcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (orgs.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

DEFLEUR, Melvin L.; BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da Comunicação de Massa**. Trad. Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

ECO, Umberto. **Lector in Fabula**: a cooperação interpretativa nos textos narrativos. São Paulo: Perspectiva, 1986.

GOMES, Márcia. Experimentando com os Programas: A Leitura Analítica na Recepção de Telenovelas. In: JACKS, Nilda; PIEDRAS, Elisa; SÁNCHEZ-VILELA, Rosário (orgs.). **O que sabemos sobre audiências?** Estudos latino-americanos. Porto Alegre: Armazém Digital, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

OROZCO, Guillermo. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, Denis (org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

_____. **Televisión, Audiências y Educación**. Buenos Aires: Norma, 2001.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.